REVISTA DA FUNDARTE
ANO 23
NÚMERO 53
JANEIRO A MARÇO DE 2023
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



REVISTA 53
ARTE: O CRIAR, O FAZER E O APRECIAR

HISTÓRIAS DA DANÇA QUE NOS CONTAM: A HISTÓRIA DA DANÇA COMO CONTEÚDO CURRICULAR NO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL (1980-2020)[1]

DANCE STORIES THEY TELL US: THE HISTORY OF DANCE AS CURRICULAR CONTENT IN HIGHER EDUCATION IN BRAZIL (1980-2020)

HISTORIAS DE BAILE QUE NOS CUENTAN: LA HISTORIA DE LA DANZA COMO CONTENIDO CURRICULAR EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR EN BRASIL (1980-2020)

Rafael Guarato

Resumo: Este artigo apresenta as informações e análises iniciais de um estudo dedicado a compreender como ocorreu/ocorre o ensino de história da dança em nosso país. Para tanto, a pesquisa arquivou e analisou Projetos Políticos Pedagógicos (PPC's) de trinta e três instituições de ensino superior que atualmente oferecem cursos de Dança. Para lidar com esse matéria l.Foi adotada uma metodologia quanti-qualitativa. O procedimento quantitativo foi salutar para a elaboração de gráficos que demonstram visualmente, as condições gerais do ensino de história da dança. Num segundo momento, essas informações foram utilizadas para iniciar um processo de compreensão qualitativa dos dados analisados, os quais são aqui realizados ainda de modo introdutório. Para subsidiar esta proposta de investigação e os debates a partir das informações encontradas, este estudo dialoga com teorias das áreas da história e dos estudos em dança.

Palavras-Chave: Ensino de dança. História da dança. Brasil. Ensino superior.

Abstract: This article presents the initial information and analysis of a study dedicated to understanding how the teaching of dance history has occurred/occurs in our country. To this end, the research archived and analyzed Curricular Projects of thirty-three higher education institutions that currently offer Dance courses. To deal with this material a quanti-qualitative methodology was adopted. The quantitative procedure was salutary for the elaboration of graphics that visually demonstrate the general conditions of dance history teaching. In a second moment, this information was used to begin a process of qualitative comprehension of the data analyzed, which is done here still in an introductory way. In order to support this research proposal and the debates based on the information found, this study dialogues with theories from the fields of history and dance studies.

Keywords: Dance education. Dance history. Brazil. Higher education.

Resumen: Este artículo presenta la información y los análisis iniciales de un estudio dedicado a comprender cómo ha ocurrido/ocurre la enseñanza de la historia de la danza en nuestro país. Para ello,

[1] Esta pesquisa contou com financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa (FUNAPE/UFG) e auxílio do bolsista Carlos Eduardo Nogueira Silva. O presente texto passou por revisão idiomática realizada por Albertina de Sá Silva.



la investigación archivó y analizó los Proyectos Curriculares de treinta y tres instituciones de educación superior que actualmente ofrecen cursos de Danza. Para tratar este material, se adoptó una metodología cuanti-cualitativa. El procedimiento cuantitativo fue útil para la elaboración de gráficos que demuestran visualmente las condiciones generales de la enseñanza de la historia de la danza. En un segundo paso, esta información se utilizó para iniciar un proceso de comprensión cualitativa de los datos analizados. Para apoyar esta propuesta de investigación y los debates basados en la información encontrada, este estudio dialoga con las teorías de los campos de la historia y los estudios de la danza.

Palabras clave: Enseñanza de la danza. Historia de la danza. Brasil. Educación superior.

O estudo histórico da dança no Brasil e em Abya Yala[2] no decurso das primeiras duas décadas do presente século, foi marcado pela denúncia do caráter generalista, excludente, descritivo, universalizante e opressor com o qual a história da dança foi escrita em diversos países, como pode ser conferido nos estudos de Daniela de Sousa Reis (2005), Maria Cifuentes (2008), Fabiana Britto (2008), Rafael Guarato (2008 e 2010), Juan Ignacio Vallejos (2014), Roberta Ramos Marques (2016), Susana Tambutti e María-Martha Gigena (2018), Eugenia Cadús (2019) e Mónica Verdugo (2021).

O consenso estabelecido entre essas pesquisadoras[3], consiste em reconhecer que a história pautada em cânones da dança ocidental trata como globais e superiores, conhecimentos que foram elaborados em locais específicos, como o balé em sua tradição clássica, a dança moderna estadunidense e o expressionismo alemão, por exemplo. Portanto, tais heranças deveriam ser tratadas como locais e não como premissas basilares do fazer artístico em dança a nível global. Seguindo esta premissa, o fazer e ensinar história da dança na última década, tem sofrido críticas e pressões para a reformulação de suas premissas teórico-epistemológica e de suas metodologias de pesquisa e ensino, uma vez que, estas, interferem não apenas no aprendizado, mas na legitimação, visibilidade e reconhecimento social de tradições e heranças de danças

[2] Abya Yala é o termo utilizado pelos povos originários da região que hoje denominamos como Colômbia e Panamá para se referirem ao território compreendido como continente americano. Oriundo na língua kuna, o termo significa "terra madura" ou "terra viva ". Seu uso faz parte de proposta de de(s)colonização conceitual do modo de explicar o mundo, assim como, o termo Pindorama na língua tupi-guarani.

[3] A escolha pela aplicação do feminino, mesmo tendo alguns homens entre as pessoas citadas, justifica-se pelo reconhecimento e respeito ao conhecimento produzido majoritariamente por mulheres.

que foram ao longo do tempo abandonadas de abordagem historiográfica (GUARATO, 2019).

O interesse por esta temática como objeto de pesquisa é fruto do diagnóstico cotidiano como docente das disciplinas "história da dança no Brasil" e "História da dança"[4] no curso de graduação em Dança da Universidade Federal de Goiás, sobre a necessidade de descolonizar/decolonizar os assuntos e as investigações sobre história da dança. Refiro-me aqui, ao caráter hegemônico (WILLIAMS, 1979) e centralizado em modelos europeus e estadunidenses (assim como sua propagação pelo Brasil através da centralidade Rio-São Paulo), disseminados através de matrizes culturais, livros, documentários e salas de aula, uma herança colonial que exerce poder e faz desaparecer danças e o reconhecimento de tradições e conhecimentos locais (QUIJANO, 1992 e TAYLOR, 2001).

Na condição de professor universitário que trabalha efetivamente com disciplinas relacionadas à história e historiografia de danças no âmbito da graduação, lido diretamente com acusações mescladas com expectativas desobedientes (MIGNOLO, 2007), de que, quando tratamos de assuntos históricos de dança em âmbito internacional, é importante sabermos sobre histórias de danças em países dos continentes África e Abya Yala ou países como Índia, China ou qualquer outro que não seja predominantemente euro-estadunidense-branco-centrado. E quando tratamos de histórias de danças em nosso país, que sejam incluídas nos debates, as heranças de danças afrodescendentes e indígenas, assim como, saberes populares oriundos de lugares periféricos das cidades.

Diante deste contexto brevemente relatado e para instrumentalizar o debate acerca do assunto a nível nacional, surgiu a necessidade de compreender qual a atual situação do ensino de história da dança. Para tanto, a pesquisa iniciou-se pelos cursos

[4] Na reformulação curricular que entrou em vigor em 2022, estas disciplinas foram modificadas, passando a priorizarem o debate historiográfico da dança, recebendo os nomes de “Historiografias da dança: perspectivas hegemônicas e decoloniais” e “Historiografias marginais: história(s) da dança no Brasil”.

superiores específicos de dança no Brasil.[5] Nesse início de investigação, as seguintes perguntas foram orientadoras: o que é ensinado em história da dança nos diferentes cursos de graduação em dança? Quais conteúdos, referências, estéticas e heranças de dança são abordados? Qual importância as disciplinas de história da dança ocupam nos projetos curriculares dos cursos de graduação? Há conteúdos e abordagens diferentes da história da dança para formações de bacharel e licenciado? Há pessoas com experiência em pesquisa relacionada à história da dança lecionando esses conteúdos?

O recorte escolhido inicialmente, concentrava-se nos últimos 40 anos, compreendidos entre 1980 a 2020, pois, entre o surgimento do primeiro curso de graduação em dança - 1956 na Universidade Federal de Bahia (UFBA) - e o segundo curso - 1984 numa parceria entre a Pontifícia Universidade Católica do Paraná e a Fundação Teatro Guaíra, transferido em 1993 para a antiga Faculdade de Artes do Paraná (FAP) e atual Universidade do Estado do Paraná (UNESPAR) - há um lapso de 28 anos. Assim como, o aumento exponencial de cursos de graduação em Dança no Brasil ocorreu neste início de século (VIEIRA, 2018) e que atualmente são 48 cursos. Portanto, foram entre as décadas de 1980 e 2020 que o ensino superior em dança passou a ser exercido de modo mais amplo, assim como, assuntos referentes à história da dança em nível curricular.

Para obtenção da lista de cursos de graduação em dança no Brasil, foi consultada a plataforma eletrônica do Ministério da Educação[6]. Nela, aparecem 62 registros de busca por cursos de dança. Destes, 3 foram descartados, sendo 2 registros de cursos de Artes Cênicas e 1 de Educação física[7]. Outros 8, encontram-se na

[5] Pesquisa intitulada “Questões para o ensino de história da dança na educação básica e no ensino superior”, e contou com o bolsista de Iniciação Científica Carlos Eduardo Nogueira Silva na reunião dos dados.
[6] Disponível em: < https://emec.mec.gov.br/emec/nova >. Acesso em 28 de fev. 2022.
[7] Os cursos de Artes Cênicas que aparecem na busca por cursos de dança são os da Faculdade de São Caetano do Sul e da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul; e o curso de Educação Física é da Universidade Veiga de Almeida.

condição de "não iniciado"[8], ou seja, possuem o registro de existência, mas que, ainda não receberam demanda suficiente para oferta de turmas. E 7 cursos são listados na condição de "extintos"[9], compreendendo cursos de dança que existiram por algum tempo, mas que deixaram de existir. Há também, 2 casos de duplicação de cursos no sistema.[10] Portanto, dos 62 cursos de dança listados no e-mec, existem 42 cursos de dança em atividade, distribuídos em 33 instituições ofertantes. Nos dados apresentados neste estudo, encontra-se acrescido às 33 instituições que ainda ofertam, outras 3 instituições que, apesar de extinguirem o curso de dança, localizamos material para a presente pesquisa.[11]

Para dar conta do montante de informações neste primeiro momento de pesquisa, o procedimento metodológico adotado foi o quali-quantitativo de aspecto comparatista, com intuito de reconhecer características gerais e específicas, reincidências e divergências dos fenômenos históricos (BLOCH, 2005[1924]). Tendo em vista a necessidade de compreender primeiramente os aspectos gerais de existência do ensino de história da dança, selecionamos numa primeira instância, o acesso aos Projetos Políticos Curriculares (PPC's) para compreendermos como a dança foi pensada no conjunto de conteúdos formativos ao longo do tempo. O procedimento quantitativo foi eleito para subsidiar a organização de informações com finalidade panorâmica. Com este procedimento, pudemos compreender percentualmente e fornecer informações visualmente dispostas em gráficos, que nos auxiliará a materializar evidências que nos permite configurar um arranjo hegemônico de conteúdos, heranças e tradições de dança que ocuparam e permanecem ocupando

[8] As seguintes instituições encontram-se nesta condição na data pesquisada: Centro Universitário Toleto; Centro Universitário Sant'anna; Pontifícia Universidade Católica do Paraná (licenciatura e bacharelado); Universidade do Vale do Itajaí (licenciatura e bacharelado), Faculdade Pinhalzinho, Licenciatura na Universidade do Estado do Amazonas.

[9] Nesta lista encontram-se os cursos de dança da Estácio de Sá, do Centro Universitário da Cidade, da Universidade Luterana do Brasil (licenciatura e tecnólogo), da Universidade de Cruz Alta, da Universidade Cândido Mendes e o curso Tecnológico da Universidade de Caxias do Sul.

[10] Trata-se do curso de bacharelado da Universidade Estadual de Campinas e do curso de licenciatura em dança da Universidade Federal da Bahia.

[11] Listo: Centro Universitário da Cidade (RJ), Universidade de Cruz Alta (RS) e Universidade Luterana do Brasil (ULBRA-RS). Dentre as 33 instituições, este estudo somente não reuniu dados sobre o curso de Dança da Universidade de Sorocaba.



o protagonismo na formação do profissional de dança ao longo do tempo em nosso país. E, na mesma medida, conseguimos com este procedimento, compreender os conteúdos, as heranças e tradições de dança que foram tratados ao longo do tempo como desinteressantes ou menos importantes para a formação superior em dança no Brasil.

Na prática, para ter acesso aos Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos de dança, o primeiro movimento de pesquisa se concentrou em buscar nas websites de cada curso, os PPC's atuais e versões anteriores. Quando não encontramos essas informações nas websites, o contato para solicitação se deu através das coordenações dos referidos cursos. Em alguns casos, nos foi relatado a dificuldade de gestão interna do próprio curso e/ou falta de organização institucional para disponibilidade dos documentos. Em algumas instituições privadas, houve resistência em oferecer o acesso à documentação, sob a alegação de que se tratavam de documentos internos à instituição e não disponíveis ao público.

Todas as instituições com cursos de dança na condição de "não iniciados", possuem pouquíssimas informações em suas websites, assim como, ao serem procuradas, essas instituições apresentaram dificuldade de nos repassar informações sobre o curso de dança - tendo em vista que se trata de cursos que ainda não aconteceram - inexistindo funcionários responsáveis por cuidar e/ou dialogar sobre o curso. Por este motivo, não conseguimos ter acesso aos referidos PPC's dos cursos "não iniciados". Em relação aos cursos extintos, as informações sobre os mesmos foram suprimidas das websites das instituições, assim como, não há pessoal designado para gerenciar ou responder por eles. Por isso, em nenhuma das instituições que possuem curso de dança na condição de "extinto", conseguimos obter acesso às informações sobre o curso. Nestes casos, o procedimento adotado para ter acesso à documentação referente aos Projetos Políticos Curriculares, foi recorrer a pessoas que trabalharam ou estudaram nestes locais e que possuem documentação em seus arquivos particulares.

Para a apresentação quantitativa, recorri à ferramenta "nuvem de palavras" como recurso imagético para apresentar três painéis. O primeiro ilustra palavras que estão presentes nos títulos dos conteúdos curriculares de história da dança. O segundo foi composto pelos nomes de pessoas autoras elencadas como bibliografia básica para a história da dança. E o terceiro apresenta palavras que aparecem em destaque ao longo dos PPC's para nomear práticas, estéticas e escolas de dança que se fazem presentes ao longo dos cursos, tendo sido preenchida com 5 a 7 palavras por currículo analisado. Esta escolha busca ilustrar as palavras e referências que, com mais frequência, orientam os projetos curriculares sobre história da dança e sua relação com o conjunto dos currículos, tornando materializado o quadro atual do pensamento sobre o trato historiográfico para o ensino-aprendizagem e a organização geral dos cursos sobre as diferentes heranças de dança.

Além da ferramenta "nuvem de palavras", foram elaborados três gráficos[12] dedicados a quantificar a presença de disciplinas de história da dança por curso: a) - um dedicado à quantidade de disciplinas obrigatórias de história da dança por curso de graduação; b) outro acerca da porcentagem de carga horária obrigatória dedicada à história da dança em relação à carga horária total do curso; c) e levando em consideração que existem cursos que preveem disciplinas optativas (não-obrigatórias) de história da dança, o último gráfico quantifica o número de disciplinas optativas existentes e seus respectivos cursos. O objetivo destes gráficos consiste em demonstrar como cada instituição tem entendido, a importância da história da dança na formação de seus estudantes e futuros profissionais de dança, tanto a nível de bacharelado como de licenciatura.

De posse dos dados apresentados, foi de vital importância as contribuições trazidas pelo historiador Marc Bloch (2001), ao propor a construção dos fatos históricos são realizadas a partir da documentação disponível, mas que somente nos oferece

[12] Tendo em vista que, a oferta de cursos de graduação voltados à formação de pessoas licenciadas é superior ao número da formação a nível de bacharel, na descrição dos cursos encontrada nos gráficos, destaquei entre parênteses as formações de bacharel e teoria da dança. Deste modo, todos os demais cursos que constam apenas a sigla da instituição, são cursos de licenciatura.

informações com as perguntas que fazemos a essa mesma documentação. Com o intuito de qualificar o debate, serão acrescentadas informações reunidas com as coordenações e professores de história da dança, suas formações e áreas de atuação, bem como, uma análise comparativa entre os modos pelos quais as instituições têm pensado e organizado os assuntos e conteúdos acerca das histórias de danças.

Esses gráficos e nuvens foram gerados a partir de PPC's que tivemos acesso nos anos de 2020 e 2021. Vale ressaltar que vários cursos estão em processo de reformulação curricular. Isto posto, as informações aqui apresentadas não são tratadas como uma espécie de espelho do modo como hoje os cursos de graduação em dança pensam e organizam o conhecimento historiográfico sobre dança, mas antes, como um frame de um momento histórico forjado pelas décadas anteriores. Deste modo, as informações aqui apresentadas foram analisadas como resultado de um processo histórico de organização do conhecimento em dança em nosso país, que contribuiu para as soluções curriculares que hoje dispomos.

Quem conta um conto, repete o conto

O fenômeno de textualizar práticas de dança, transformando-as em livros e artigos, é tributário da tradição ocidental de registro, salvaguarda, proteção e repasse de informações entre gerações. Historicamente, o ato de escrever foi tratado como modelo privilegiado para fornecer credibilidade frente a outras formas de registro e repasse de informações entre seres humanos, como a oralidade ou a corporeidade (CHARTIER, 1999; TAYLOR, 2003). Este privilégio da escrita foi justificado basilarmente, sobre a premissa de que, enquanto os movimentos do corpo e a oralidade permitem modificar o dito a cada vez que é enunciado, a escrita por sua vez, quando registrada, supostamente cristaliza o dito ao dificultar sua modificação. É inclusive pautada nessa crença, que nossa sociedade solidificou suas instituições, pautada na oficialidade da escrita como ferramenta de evitar os desvios de narrativas, popularizando o ditado que versa: "escreveu, não leu, o pau comeu".

Confiança e credibilidade capazes de fornecer segurança tanto jurídica quanto para assuntos que regem a vida no cotidiano. Foi pautado nessa confiança atribuída aos textos, que o ensino de história da dança no Brasil alicerçou sua prática a nível institucional. Na ambição em se fazer presente no ambiente acadêmico, a dança emoldurou seus modos de fazer para pertencer ao modelo moderno de fazer ciência, na medida do possível (AMARAL, 2021; VIANNA, 1990). E, desprovido de pessoas pesquisadoras que pudessem amparar as diferentes áreas de conhecimento que envolvem a organização de um curso superior de dança, a solução curricular encontrada ao longo do século XX e que permanece majoritariamente até o final da segunda década deste século, consistiu em selecionar os conhecimentos e as heranças em dança que apresentavam maior exemplares com o modelo escriturário ocidental da dança.



Imagem 1: Hierarquia ilustrativa com palavras utilizadas nos currículos dos cursos de graduação para descrever práticas de dança. Nuvem de palavras elaborada pelo autor.

Uma vez possível existir um curso de dança, a tradição ocidental centrada nos fazeres artísticos de países como França, Alemanha, Rússia e Estados Unidos da

América, foi a que primeiramente organizou seus fazeres de modo escrito, legando tratados, livros, filmes e instituições dedicados a ensinarem as gerações futuras, sobre os feitos do passado nesses lugares. A imagem 1 nos permite reconhecer a prevalência de heranças como o balé clássico, dança moderna, dança contemporânea e performance art como tradições que, com mais frequência, aparecem nos currículos de formação em dança. Assim como, palavras que constituem o vocabulário conceitual artístico-ocidental com os quais essas heranças lidam, como: composição, dramaturgia, criação, laboratório, técnica, etc. Essas informações gerais são importantes, na medida em que nos auxilia a compreender que a bibliografia e os assuntos selecionados como dignos de serem tratados nas disciplinas dedicadas à história da dança, são derivados desta macro organização curricular. Nesse sentido, a história da dança como área de ensino dentro dos cursos de graduação em dança em nosso país, foram planejados como momento específico de tratar textualmente, do passado de heranças específicas de dança, aquelas que aparecem no decorrer do currículo.

Posta nestes termos, a história da dança tal como esteve organizada curricularmente, não encontra sua especificidade na pesquisa e no trato histórico do conhecimento em dança, mas antes, como uma espécie de panteão onde as deusas e deuses imortais da dança são relembrados e reforçadas suas heranças e importâncias. Ausentes de análise crítica ou de perspectivas antagônicas, os conteúdos de história da dança foram organizados para evitar a diferença, constituindo um panorama que, segundo o pesquisador de dança Victor Hugo Neves de Oliveira (2022, p. 2), "...os cursos superiores em dança são ambientes estruturados e marcados por lógicas de pensamentos normativos e coloniais, que buscam fortalecer projetos de dominação étnico-racial." (OLIVEIRA, 2022, p. 2).

O aspecto colonizador e opressivo dos currículos pode ser reconhecido de diferentes modos. Ao analisar a bibliografia elencada como básica nas disciplinas de história da dança, é surpreendente o volume de obras que desde os primeiros anos do presente século, têm sido criticadas por pessoas que especializaram seus estudos sobre as relações entre história e dança (REIS, 2005; BRITTO, 2008; GUARATO 2008,

2010; RIBEIRO, 2010). A imagem 2 nos mostra que, dentre os estudos dedicados a debater e pensar não apenas o passado, mas como esse mesmo passado é tratado e apresentado no presente, somente a autora Fabiana Britto é mencionada. Isto quer dizer que, ainda é incipiente a presença de debates acerca de questões historiográficas, no sentido de que toda história possui uma estreita relação com seu meio, com a pessoa autora, com o suporte e as instituições que as propagam. Mesmo quando se referem à história francesa-russa-alemã-estadunidense, as referências bibliográficas não acrescentam estudos críticos acerca dos cânones nessas georeferências, que existem desde a década de 1990, como o trabalho de pessoas historiadoras da dança como Marion Kant, Mark Franko, Isabelle Launay, Susan Manning, Laure Guilbert, Lynn Garafola, Alexandra Carter, Linda Tomko, Janet Adshead-Lansdale, etc.



Imagem 2: Ilustração a partir dos nomes das pessoas autoras predominantes nas bibliografias básicas das disciplinas de história da dança. Nuvem de palavras elaborada pelo autor.[13]

[13] Para a elaboração desta nuvem, não foram inseridas as referências de 13 instituições. Isso ocorreu ou porque tivemos acesso apenas ao Fluxo Curricular ou o PPC disponibilizado não continha as referências. Fazem parte desta lista de não inclusos: ULBRA, Cruz Alta, Centro Universitário de Ensino, Ciência e

Ao se fazerem não presentes os debates sobre historiografias, foi mantido um modelo de ensinar e aprender história da dança pautado em decorar e ovacionar *artisteróis* (GUARATO, 2019), tanto da parte de quem ensina como da parte de quem aprende. A história da dança deixa de ser uma oportunidade de compreensão, para ser um lugar de devoção. E os contos sobre o passado transformam-se em contos cumulativos, ou de repetição... lembram da "Velha a fiar"? Pautada em referenciais que se limitam a oferecer mais dados e informações sobre o passado do que análises, as aulas de história da dança transformam-se num amontoado de nomes, datas, estéticas e feitos, desaparecendo com os processos que os tornaram possíveis.

O aspecto colonizador e opressivo também pode ser notado através da manutenção do protagonismo histórico de artistas que em suas épocas foram declaradamente racistas, como Isadora Duncan e Rudolf Von Laban (LAUNAY, 2017). A pesquisadora Emily Wilcox (2018) também denunciou o processo pelo qual danças locais passaram a receber projeção e trato histórico na condição de universalmente válidas, destacando que: a hegemonia de danças como o balé, dança moderna e pós-moderna (contemporânea) acompanham as hegemonias políticas e econômicas que lugares específicos exerceram sobre outros lugares. E pessoas pesquisadoras de histórias de danças em Abya Yala têm criticado a violência com a qual se encontra articulado um processo de colonização estética e prática da dança, que faz uso da história da dança como lugar de poder (TAMBUTTI E GIGENA, 2018; CADÚS, 2019; GUARATO, 2019; VALLEJOS, 2020; VERDUGO, 2021; OLIVEIRA, 2022).

Tecnologia do Paraná (UniEnsino), Centro Universitário Leonardo Da Vinci, Anhembi Morumbi, UniverCidade, UFC, Unespar, Unicamp, PUC/SP, UFBA, UFS.



Imagem 3: Distribuição geográfica de cursos de graduação em Dança no Brasil. Elaborado pelo autor.

O aspecto colonizador e opressivo também pode ser diagnosticado através do fluxo geográfico pelo qual se constituiu os cursos de graduação em Dança no Brasil. Como pode ser verificado na imagem 3, a institucionalização dos cursos de dança acompanhou a dinâmica geopolítica do conhecimento seguindo princípios colonizadores, uma vez que "a expansão colonial foi também uma expansão de formas de conhecimento..." (MIGNOLO, 2002, p. 80). No modelo colonial de expansão do conhecimento, existe um centro irradiador localizado no norte global, que expande seu modo de pensar, conhecer e agir para o sul global. Uma vez presente, nos sul's, o conhecimento norte global instala-se, primeiro nos grandes centros urbanos e em seguida, expande-se aos interiores. Nesse fluxo georreferencial, o interior nunca é tratado como produtor de conhecimento ou lugar privilegiado para basilar a edificação de práticas de dança dignas de comporem um currículo formador em dança. E foi

seguindo este fluxo que os cursos de graduação em dança se instalaram no Brasil, primeiro nas capitais e depois nos interiores, expandindo heranças e legados norte globais.



Imagem 4: Ilustração das palavras predominantes no título das disciplinas de história da dança. Nuvem de palavras elaborada pelo autor.

Organizadas, segundo estas premissas, as disciplinas de história da dança tornaram-se, ao longo do tempo, uma espécie de defensor e de salvaguarda do passado de danças de outros lugares. Não apenas as disciplinas, mas a própria área de história da dança carrega esse fardo decorrente do modo como existiu até o final do século XX. Basicamente, as disciplinas intituladas de “história da dança”, dedicam-se a tratar, cronologicamente, uma espécie de evolução da dança cênica adjetivada como arte e dedicada à ideia de refinamento, criatividade e progresso em países ocidentais. Ao lidar com esse cenário, a pesquisadora de dança Isabela Buarque (2022) descreveu:

> As histórias de danças que são contadas no interior das disciplinas curriculares nas graduações em Dança, no Brasil, muitas vezes, ainda carregam essencialismos ligados à lógica Ocidental colonizadora. Grande parte das historiografias produzidas em tempos passados as quais temos acesso em português ainda se debruçam sobre fatos históricos eurocentrado ou americanizados (EUA) e mais se parecem com catálogos do que com fontes e referências contextualizadas. (BUARQUE, 2022, p. 147).

Diante do exposto, até aqui, podemos compreender que existe um modo hegemônico de pensar e organizar o conhecimento histórico em dança em conteúdos curriculares no país. Neste caso, a hegemonia acontece nos termos propostos pelo crítico literário Raymond Williams (1979), como uma capacidade social desenvolvida por um ou mais grupos sociais de dirigir/submeter outros grupos sociais através do consentimento, uma vez que: "A hegemonia vai além da cultura [...] em sua insistência em relacionar todo o processo social com distribuições específicas de poder e influências" (WILLIAMS, 1979, p. 111). Para que algo se torne hegemônico e principalmente, para que se permaneça como tal, é preciso conquistar o consentimento de outros grupos sociais antagônicos, principalmente aqueles que almejam desfrutar da condição de direção intelectual e moral que a hegemonia permite.

A hegemonia pressupõe a participação das pessoas no ato de consentir com um projeto intelectual e moral. E o que tenho percebido com os currículos direcionados à dança, é que as disciplinas de história da dança não foram pensadas para formar pessoas analíticas e autônomas em relação ao fazer artístico da dança. Mas antes, como processos formativos dedicados a inculcarem em seus estudantes, a obediência e subserviência através de consensos sobre um único passado em dança, o norte-centrado. E nesse sentido, as disciplinas, conteúdos e bibliografias propostas, atuam como uma espécie de fiador histórico das práticas e estéticas de dança que constituem todo o currículo, seguindo uma lógica que vai do balé clássico à performance art, da técnica aos laboratórios de criação.

Uma hora a conta chega! Ou quando a hegemonia não dá conta da prática

Se o modo hegemônico de tratar o ensino de dança gozou de tranquilidade até a virada do milênio, as primeiras duas décadas do século XXI tem demonstrado que este será um século de mudanças. Análises críticas de diferentes frentes estão direcionando suas atenções para os currículos formativos em dança. E este processo tem realçado o caráter paradoxal e competitivo que a hegemonia passa para se manter hegemonia, permanentemente buscando os consensos. Por exemplo, um dos projetos intelectuais e morais que tem ganhado força nas duas últimas décadas e tem conseguido aumentar o consentimento social sobre suas premissas, consiste no projeto de redistribuição das importâncias históricas de grupos étnicos.

As disputas sociais que resultaram nas Leis 9.394/1996, 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornaram obrigatório o ensino a nível básico (fundamental e médio), da história afro-brasileira e indígena, estão cada vez mais presentes no cotidiano acadêmico, funcionando como importantes tensionadores sociais no combate ao norte-centrismo e ao racismo. Entretanto, estas disputas ainda se encontram buscando consenso sobre como se fazer a inserção de grupos historicamente marginalizados nos currículos de dança.

Lidando com este cenário, até essa etapa deste estudo, conseguimos elencar três diagnósticos que nos evidencia incompreensões ou desajustes que hoje a história da dança lida dentro da estrutura curricular nos cursos de graduação.

1 – Trato da cultura afrodescendente e indígena fora da história

Nos currículos examinados, existe uma derivação da história da dança, que passa a receber a extensão do nome da nação, Brasil. Essas disciplinas são organizadas de modo similar à tradição norte-centrada da história da dança. A maioria dos casos, limita-se a tratar da história da dança realizada no país, que segue os

mesmos preceitos da dança cênica adjetivada como arte e com preocupações de refinamento. A historiadora de dança Isabelle Launay (2017) denunciou que, segundo os parâmetros da história da dança norte-centrada que se expandiu de modo colonizante, o resto do mundo somente produz arte, modernidade ou contemporaneidade, quando se insere na grande história centralizada, diagnosticando a existência de um Ocidente coreográfico opressor. De acordo com a autora, as categorias "clássicas", "moderno" e "contemporâneo" por exemplo, funcionam como divisores entre formas de dança, como a "africana", "brasileira", "argentina", "latino-americana", etc. Dito de outro modo, somente os fazeres centrais e norte-centrados são tratados como modernos ou contemporâneos, ao passo que o popular e o folclore passam a servir como exemplares inferiorizados de formas artísticas, beirando o exotismo.

Esse diagnóstico nos parece plausível para o modo como as histórias de danças se encontram organizadas nos currículos das graduações em Dança. Uma vez preocupadas em inserir e tratar de heranças de danças que escapam à centralidade Europa-Rússia-Estados Unidos, é comum encontrarmos o deslocamento da responsabilidade analítica para áreas como a sociologia e antropologia. O resultado deste deslocamento é que, a abordagem de danças étnicas e ancestrais, é alijada de análise e compreensão historiográfica, sendo comum na descrição curricular, a substituição da palavra "história," por expressões como "etnias", "povos", "brasileira" e "do Brasil", dando a impressão de que outros grupos humanos não possuem histórias e suas especificidades, mas apenas cultura, que passa a ser tratada como suficiente para dar conta dos debates históricos sem necessariamente os realizarem.

2 – Dificuldade de compreender a utilidade da história frente às demandas do presente

Ao olharmos para os gráficos panorâmicos acerca da presença da história da dança nos currículos de graduação, é possível identificarmos algo que permanece. De

modo geral, a maioria dos cursos possuem entre 1 a 3 disciplinas dedicadas obrigatoriamente à história da dança (imagem 5), que, quando comparadas suas cargas horárias frente a carga horária total dos PPC', temos uma porcentagem entre 2% e 5,6% do tempo integral de formação, dedicada à história da dança (Imagem 6). Em alguns cursos, este percentual pode alterar segundo os interesses de cada estudante, tendo em vista que 1/3 dos cursos ofertam pelo menos 1 disciplina optativa, ou seja, não compreendida como obrigatória na formação (imagem 7).



Imagem 5: Quantidade de disciplinas obrigatórias dedicadas à história da dança no PPC. Gráfico elaborado pelo autor.

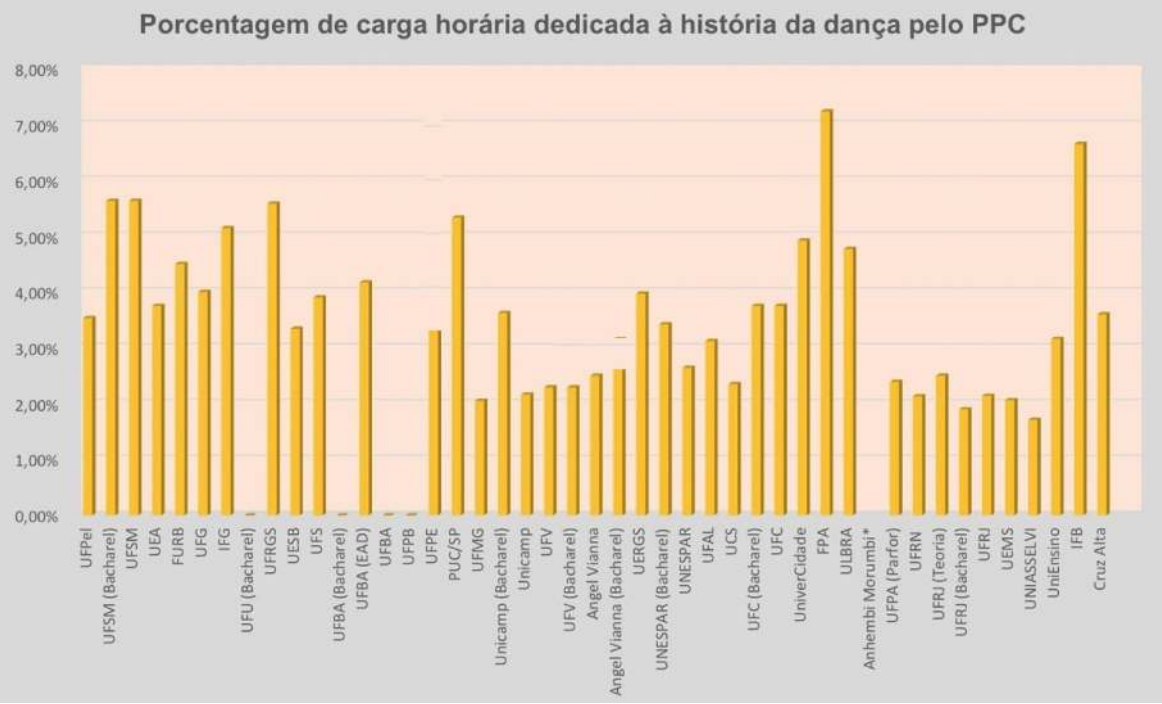

Imagem 6: Porcentagem de carga horária dedicada à história da dança calculada em relação à carga horária total do PPC. Gráfico elaborado pelo autor. * O curso de dança da Morumbi Anhembi não nos ofereceu acesso ao PPC do curso, impossibilitando fazer o cálculo da sua carga horária.

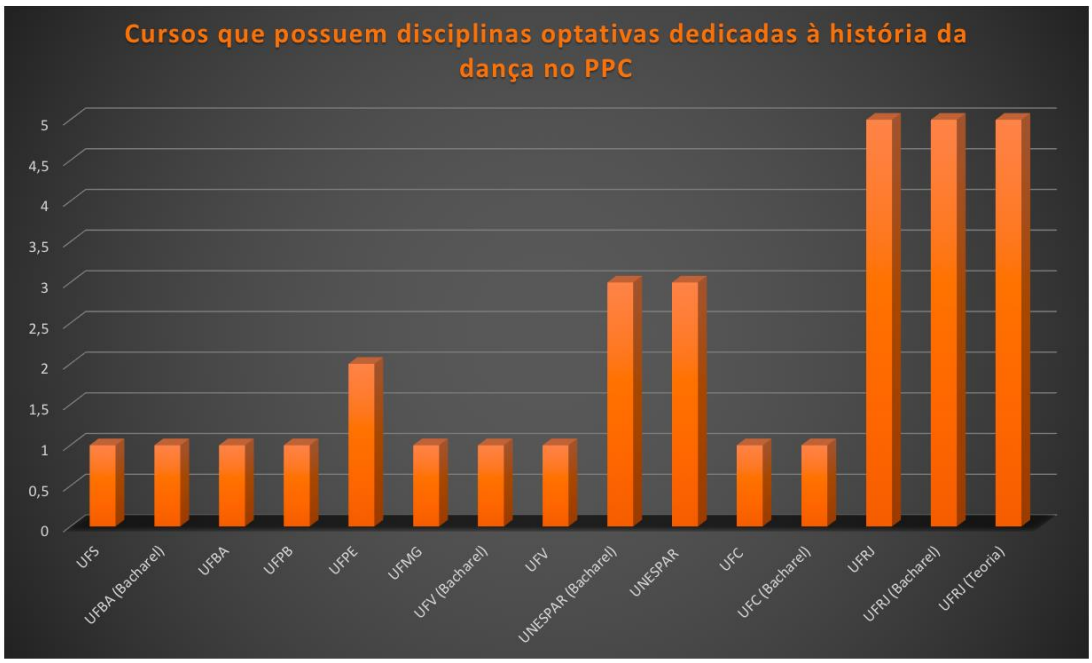

Imagem 7: Cursos e seus quantitativo de disciplinas optativas dedicada à história da dança no PPC. Gráfico elaborado pelo autor.

Apesar de haver uma certa permanência no modo e volume de como os assuntos de história da dança se fazem presentes nos currículos, é notável um fenômeno que tem surgido nos últimos anos, de acordo com as reformulações curriculares, o surgimento de novos cursos ocorreu. Trata-se da redução ou extinção de disciplinas específicas dedicadas à história da dança. Os cursos de Dança da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) por exemplo, não oferecem nenhuma disciplina específica de história da dança em caráter obrigatório, sendo o conteúdo tratado ou de modo transversal ou como opcional. Na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a cada reformulação curricular, as disciplinas de história da dança foram perdendo espaço no currículo.[14]

São muitos os motivos que interferem nas decisões institucionais de reformulação curricular. Mas o que queremos propor neste tópico, é a hipótese de que, mediante a urgência rebelde em combater a permanência de heranças coloniais em nossa sociedade, as instituições têm encontrado dificuldades em entenderem a importância da história da dança em currículos que se esforçam em não perpetuarem exclusivamente heranças norte-centradas de danças. Esse diagnóstico é reforçado pela informação de que somente nos cursos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e na Universidade Federal de Goiás (UFG)[15], foi detectada a proposição de aumento da carga horária dedicada à história da dança no processo formativo. Não coincidência, essas duas universidades gozam de docentes que, além de organizarem e ministrarem aulas, também são pessoas pesquisadoras de história da dança. E isso nos movimenta para nosso terceiro diagnóstico.

[14] Até 2018, 8,88% do currículo do curso de licenciatura em dança da UFPel era dedicado à história da dança. Essa quantia foi reduzida a partir de 2018 para 7,07% e para 3,53% em 2020.

[15] No entanto, essas reformulações não entraram no escopo de dados desta análise, uma vez que a reformulação curricular da UFG entrou em vigor em 2022 e que a reformulação da UFPE ainda se encontra em estágio de finalização.

3 - "mea culpa": a carência de profissionais com conhecimento específico

Ajuda-nos a compreender a criticidade e a durabilidade do ensino norte-centrado de heranças de danças nos cursos de graduação, a análise das formações e atuação profissional das pessoas que se dedicam a trabalhar com história da dança. De todos os cursos analisados, em somente 5 cursos pesquisados, encontramos docentes que também se dedicam à pesquisa na área de histórias das danças (UFPE, UFRGS, IFG, UFG e UFMG). Acrescido a esta informação, é notável o desconhecimento acerca das especificidades do conhecimento historiográfico em dança e suas possíveis contribuições para a formação em dança.

Exemplos desse desconhecimento podem ser encontrados na ausência de distinção no modo de organizar conteúdos, debates, abordagens e conhecimentos históricos nas disciplinas destinadas à formação a nível de bacharelado e de licenciatura. Em todas as instituições pesquisadas que oferecem as formações a nível de bacharelado e licenciatura, não foi encontrado nenhuma distinção nos nomes das disciplinas, ementas, bibliografias e planos de ensino dedicados à história da dança. A princípio, se as formações se dedicam a habilitar profissionais com conhecimentos específicos e para atuarem junto a lugares e públicos distintos, qual o sentido de programar as mesmas aulas?

Outro exemplo do desconhecimento acerca das especificidades do conhecimento histórico em dança, é decorrente da compreensão de que abordagens antropológicas ou sociológicas possam servir como uma espécie de substituto aos estudos históricos. Apesar de estudos dedicados à análise de dança em suas interações culturais e sociais mencionarem situações passadas e situarem processos de contextualização, o estudo do passado em dança não se limita a contextualizar a dança em seu tempo, mas antes, como uma área que permite reconhecermos os desafios, as ansiedades, as expectativas, as tensões de pessoas vivas em seu próprio tempo e em diálogo/tensão com seus passados e perspectivas de futuros; assim como, o estudo de formas estéticas, poéticas e políticas inerentes ao próprio ato de fazer e disponibilizar dança ao mundo. Para tanto, o conhecimento historiográfico lida com

especificidades metodológicas, conceituais, epistemológicas que não são substituíveis por áreas correlatas, mesmo quando a interdisciplinaridade se faz caracterizadora destes estudos.

Considerações provisórias

Diante as informações reunidas até o momento, é notável a existência de um descompasso entre a produção do conhecimento em pesquisas dedicadas à história da dança no Brasil e em outros países, com o modo predominante como os cursos de graduação em dança permanecem organizando as disciplinas dedicadas às histórias de danças até o fim da segunda década deste século. Entretanto, a culpabilidade deste cenário não pode ser atribuída exclusivamente às instituições e/ou às pessoas que se encontram à frente desse conteúdo. É importante ressaltar que o aparecimento de pesquisas e publicações acadêmicas especializadas em história da dança em nosso país, somente ocorreu no século XXI. Antes disso, as produções dedicadas à história da dança não detinham aspecto acadêmico nem especializado, configurando-se como um esforço de pessoas entusiasmadas pela história da dança, mas desprovidas de qualquer preparo acadêmico ou na melhor das situações, eram especializadas em outras áreas dos estudos em dança, configurando de todo modo, uma historiografia amadora sobre dança ao não fazer uso e diálogo com o conhecimento específico de áreas como história da arte, história e a própria história da dança em âmbito internacional.

Também os processos de reformulação dos projetos pedagógicos lidam não apenas com o aspecto burocrático/institucional, mas também com o grupo de pessoas presentes em cada curso e os conflitos de perspectivas e de poder que envolvem essas decisões no cotidiano do trabalho docente. Entretanto, apesar de haver uma estrutura que alicerça as ementas e currículos sobre os conteúdos, é possível encontrar espaço para as interferências individuais nos projetos institucionais. Essa capacidade de interferência e contribuição que borram o existente, pode ser mensurada e debatida de

várias formas. Neste estudo, pelo recorte predominante do aspecto quantitativo, não foi possível adentrar aos detalhes da prática do ensino de histórias de danças.

A pesquisadora Isabela Buarque (2022) relatou que, entre a prática dela como docente e o previsto no currículo, há um abismo. Ou seja, ao apresentarmos neste texto o modo como as instituições pensaram e organizaram os conteúdos de histórias de danças, não equivale afirmar que estes mesmos conteúdos permanecem sendo lecionados *ipsis litteris* em sala de aula. Na prática, existem mais fazeres que o currículo evidencia, assim como, existem disputas entre o corpo docente de cada instituição que podem contribuir para não ocorrerem mudanças. Isto posto, cada caso deve ser analisado em específico para que não caiamos em generalizações sobre como, de diferentes formas, esses conteúdos permanecem nos currículos ao longo do tempo.

Tendo isso em mente, a próxima etapa da pesquisa se dedicará a adentrar aos Planos de Ensino utilizados na prática da realização destas mesmas disciplinas, assim como, entrevistas com as pessoas docentes responsáveis pelas mesmas. Pretendemos com essa análise, compreender se no dia a dia, docentes obedecem ou desobedecem aos currículos. Posteriormente, a pesquisa ambiciona analisar o conhecimento acerca da história da dança em pessoas egressas e professoras que atuam na rede básica de ensino, como a intenção de compreender até que ponto essas disciplinas contribuem efetivamente para a atuação profissional como docente na rede básica de ensino.

Referências:

AMARAL, Fabiana. *Dança e Nacionalismo*: Eros Volusia e Helenita Sá Earp na Era Vargas. São Paulo: Clube de Autores, 2021. 302p.

BLOCH, Marc. *Os Reis Taumaturgos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BRITTO, Fabiana Dultra. *Temporalidade em dança:* parâmetros para uma história contemporânea. Belo Horizonte: Editora FID, 2008.

BUARQUE, Isabela. Histórias e historiografias de Dança: problematizando o ensino e os currículos na formação universitária. *Revista Brasileira de Estudos em Dança,* vol.01, n. 01, p. 138-166, 2022.

CADÚS, Eugenia. Narrativas dominantes y violencia epistémica en la historiografía de las danzas argentinas: posibilidades de desobediencia*. Intersticios De La política Y La Cultura.* Intervenciones Latinoamericanas, vol. 8, n. 16, p. 143-166, 2019.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e historia.* Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

CIFUENTES, María José. Acercamientos y propuestas metodológicas para el estudio histórico y teórico de la danza *Aisthesis,* n. 43, 2008, pp. 85-98.

GUARATO, Rafael. *Dança de Rua:* corpos para além do movimento – 1970/2007. Uberlândia: EDUFU, 2008.

GUARATO, Rafael. Del abandono como práctica historiográfica para una historiografía del abandono. *Investigaciones en Danza y Movimiento, v.1, p. 3-21, 2019.*

GUARATO, Rafael. O Culto da história na dança: olhando para o próprio umbigo. In: *Anais do VI Congresso ABRACE***.** São Paulo: Memória Abrace Digital, 2010.

LAUNAY, Isabelle. Desafios para uma história transcultural das danças contemporâneas. In: NAVAS, Cássia; LAUNAY, Isabelle; ROCHELLE, Henrique. (Orgs.) *Dança, História, Ensino e Pesquisa: Brasil-França: ida e volta*. Fortaleza: Indústria da Dança, 2017, p. 36-51.

MARQUES, Roberta Ramos. Ensino de história da dança e dança documental: por uma história afetiva, emancipada e performativa da dança. In: *Anais do IV Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança.* Goiânia: Anda, 2016, p. 684-694

MIGNOLO, Walter. Epistemic disobedience: the de-colonial option and the meaning of identity in politics. *Gragoatá*, n. 22, 2007, p. 11-41.

MIGNOLO, Walter. The Geopolitics of Knowledge and the Colonial Difference. *The South Atlantic Quarterly,* 101, n.1, 2002, p. 57-96.

OLIVEIRA, Victor Hugo Neves de. Dança e racismo: apontamentos críticos sobre o ensino de história da dança. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, v. 12, n. 1, 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú Indígena*, vol. 13, n.9, 1992, pp. 11-20.

RIBEIRO, Luciana Gomes. *Breves danças à margem*: a constituição de uma história artística da dança em Goiânia (1982-1986). Tese (Doutorado em História) - Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

REIS, Daniela de Sousa*. Representações de Brasilidade nos Trabalhos do Grupo Corpo*: (des) construção da obra coreográfica 21. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

VERDUGO, Mónica Pinto. Territorio y tensionalidades centro/periferia en la actual enseñanza de la danza en Santiago de Chile.: Relato desde la periférica Escuela A Danzar*!. Arte da Cena,* 7(1), pp. 115–149, 2021.

VIEIRA, Marcílio. A Dança na Universidade. *Manzuá:* Revista de Pesquisa em Artes Cênicas, v. 1, n. 2, p. 16–33, 2018.

TAMBUTTI, Susana; GIGENA, Maria Martha. Memórias do presente, ficções do passado. In: GUARATO, Rafael (Org.). *Historiografia da dança: teorias e métodos*. São Paulo: Annablume, 2018. p. 157-179.

TAYLOR, Diana, *The Archive and the Repertoire*: Performing Cultural Memory in the Americas, (Durham: Duke University Press, 2003).

VALLEJOS, Juan Ignacio. Embarrar el canon: por una coreopolítica de la abundancia. *Arte da Cena, v*. 6, n. 2, p. 7–37, 2020.

VALLEJOS, Juan Ignacio. Los debates de la historia de la danza: ¿un diálogo imposible? *Telondefondo*, n. 20, p. 155-173, 2014.

VIANNA, Klauss. *A dança.* 2 ed. São Paulo: Siciliano, 1991.

WILCOX, Emily. When places matter: provincializing the 'global'. In: MORRIS, Geraldine; NICHOLAS, Larraine. (eds). *Rethinking dance history*. London: Routledge, 2018, pp. 160-172.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.